

QUEBRA DE DECORO

Partido cobra andamento das outras representações contra Renan no Conselho de Ética. Socialistas também planejam atos públicos para reagir à absolvição

PSol tenta retomar demais processos

HELAYNE BOAVENTURA
DA EQUIPE DO CORREIO

Como não tem força parlamentar para criar dificuldades ao governo e ao presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), o PSol planeja ir às ruas para reagir à absolvição do peemedebista. É a única ferramenta disponível neste momento para tentar pressionar pelo andamento dos demais processos contra Renan que tramitam no Conselho de Ética. Apesar da derrota no plenário, integrantes do partido acreditam que podem ganhar politicamente ao empunhar a bandeira da ética e ao ocupar o espaço deixado pelo PT.

O PSol planeja realizar atos públicos no final de semana contra a absolvição. Como não é possível identificar quem votou para salvar o mandato de Renan, pois o voto foi secreto, a intenção é expor declarações públicas de senadores sobre a cassação. Foram poucos os parlamentares, mas alguns chegaram a defender explicitamente o presidente do Senado. "Quem não se posicionou também vai ser cobrado. Afinal é exigido do homem público um posicionamento", disse o líder do PSol na Câmara, Chico Alencar (RJ).

Assim como DEM e PSDB, que adotaram uma estratégia ontem para evitar prejuízos com a absolvição de Renan (leia mais na página 6), o PSol mantém sua tática política. Em primeiro lugar, mira em responsabilizar petistas pela decisão do plenário. Afinal, a dissidência do PT quer roubar dos antigos colegas de partido a bandeira da ética. "O antigo defensor da ética ficou em cima do muro e favoreceu Renan", atacou Alencar, referindo-se às seis abstenções na votação do pedido de cassação. Declarou-se na lista o senador Aloizio Mercadante (PT-SP).

Apesar de Renan ter chegado a tripudiar sobre o PSol e atribuir as denúncias a uma briga local com a presidente do partido, Heloisa Helena, os integrantes da sigla acreditam que ganharam politicamente. "Para nós, não é uma derrota. Passamos a ser referência na boa luta dentro do Parlamento. Vale a pena", justificou o deputado.

Voto aberto

Por essa lógica, o partido vai juntar-se ao DEM e ao PSDB para aprovar projetos pelo fim da sessão e do voto secretos. Vai ressuscitar na próxima semana a Frente Parlamentar pelo Voto Aberto. Vai também cobrar do presidente do Conselho de Ética,

Carlos Moura/CB - 26/4/07



CHICO ALENCAR: PSOL TRABALHARÁ PARA APROVAR PROJETOS PELO FIM DA SESSÃO E DO VOTO SECRETOS

“
PARA NÓS, NÃO É UMA DERROTA. PASSAMOS A SER REFERÊNCIA NA BOA LUTA DENTRO DO PARLAMENTO. VALE A PENA
”

Chico Alencar, líder do PSol na Câmara

Leomar Quintanilha (PMDB-TO), o andamento dos processos que tramitam no colegiado (leia quadro abaixo). O segundo processo da lista trata de suposto lobby feito por Renan Calheiros a favor da cervejaria Schincariol em Alagoas. O relator do caso, João Pedro (PT-AM), avisou que pretende apresentar o relatório na próxima semana. A tendência é

o arquivamento do processo, pois o maior implicado é o irmão do presidente do Senado, o deputado Olavo Calheiros (PMDB-AL).

Para manter aceso o caso no Senado, apesar do enfraquecimento das denúncias com a absolvição de Renan, a oposição também tentará produzir fatos em meio à tramitação dos demais processos. O próximo passo é a indicação do relator para o processo que trata de suposta compra por Renan, com uso de laranjas, de veículos de comunicação em Alagoas. A Mesa Diretora do Senado decidiu, no dia 16 de agosto, encaminhar a representação feita pelo DEM. Mas até agora o caso está parado no Conselho de Ética.

No último dia seis, o PSol protocolou a quarta representação contra Renan. Pediu a abertura de processo devido à denúncia de que ele participou de esquema para desviar verba de ministérios comandados pelo PMDB. A oposição pressionará para que a Mesa Diretora do Senado reúna-se para encaminhar o processo ao Conselho de Ética, onde também será preciso indicar um relator.

AS AÇÕES RESTANTES

Além do pedido de cassação por não ter justificado renda suficiente para pagar pensão à jornalista Mônica Veloso, o presidente do Senado, Renan Calheiros, enfrenta outros dois processos no Conselho de Ética. Veja quais são:



A CERVEJARIA

A denúncia: A revista Veja denunciou o que seria a venda superfaturada de uma fábrica de refrigerantes montada pela família de Renan em Murici, no interior de Alagoas. A fábrica foi montada em 2003 por Olavo Calheiros, deputado federal e irmão do senador. A

revista diz que a fábrica foi vendida no ano passado à cervejaria Schincariol por R\$ 27 milhões, o que seria três vezes mais que seu valor no mercado. A operação teria garantido um lucro de R\$ 17 milhões a Olavo Calheiros. Renan não é parte no negócio, mas a revista diz que depois da venda da fábrica ele teria passado a atuar como lobista da Schincariol em Brasília. Teria atuado junto ao Ministério da Justiça, Receita Federal e INSS em favor da empresa.

A defesa: Tanto o senador quanto os órgãos públicos citados negam a intermediação.

A situação do caso: O PSol apresentou representação que foi encaminhada ao Conselho de Ética. O relator é o senador João Pedro (PT-AM). Avaliação entre os senadores é de que o caso envolve mais Olavo Calheiros, que também enfrenta processo na Câmara, do que Renan e o caso pode ser arquivado no Senado.

O NEGÓCIO DAS RÁDIOS

A denúncia: Reportagem da revista Veja acusa Renan Calheiros de ser dono de duas emissoras de rádio em Alagoas, que valem cerca de R\$ 2,5 milhões. Segundo a revista, Renan teria utilizado laranjas para comprar as concessões de rádio e um jornal e teria pago em dinheiro vivo, parte em dólares e parte em reais. De acordo com a revista, os negócios teriam começado em 1998 numa parceria com o empreiteiro João Lyra, na compra do grupo O Jornal, que detinha uma concessão de rádio. Em 2005, Renan e Lyra teriam decidido desfazer a sociedade, ficando o usineiro com o jornal e Renan com as concessionárias de rádio.

A defesa: Renan nega ter sido sócio de Lyra em negócios. Diz ter feito campanha eleitoral com o ex-deputado pela última vez em 1986.

A situação do caso: A Mesa Diretora do Senado encaminhou a representação do DEM ao Conselho de Ética. Ainda não foi designado o relator. A avaliação entre os senadores é de que este processo é mais difícil para Renan pois as provas seriam mais consistentes.



por Alon Feuerwerker

e-mail alon.feuerwerker@correioweb.com.br



Sustentado pelo poder de fato

É improvável que Renan Calheiros abra mão da Presidência do Senado, temporária ou definitivamente, depois de vitorioso na batalha de plenário da última quarta-feira. É legítimo que a oposição mantenha a intenção de removê-lo da cadeira. Tal desejo é componente natural da luta pelo poder. Assim como a resistência oposta pelo senador de Alagoas. Entretanto, a oposição só poderá alcançar seu objetivo se fatos novos ensejarem rearranjos políticos entre os senadores. Em outras palavras, ou a oposição consegue dar um jeito de dividir a base do governo e transformar o caso Renan numa guerra santa ou Renan Calheiros continuará sentado em sua cadeira presidencial até o final de 2008.

Quais são as armas da oposição para rachar a base governista e tentar retomar a onda anti-Renan? A mais vistosa delas é a ameaça de não votar a renovação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) e da Desvinculação das Receitas da União (DRU). Trata-se, entretanto, de uma ameaça relativa. Melhor dizendo, é uma ameaça ao contrário. Como o governo sabe que as bancadas do DEM e do PSDB não querem votar a favor da prorrogação da CPMF e da DRU, o Palácio do Planalto naturalmente já concluiu que vai depender mesmo é de sua base, ainda que vitaminada por defecções pontuais no campo tucano-democrata, eventualmente estimuladas por governadores. Ou seja, se Luiz Inácio Lula da Silva quer mesmo a CPMF e a DRU, não seria hora de o Planalto desestabilizar a aliança PT-PMDB.

Outra possibilidade é a oposição enveredar pelo caminho da obstrução sistemática, negar-se a votar qualquer coisa, colocar fogo no circo. Os termômetros do Congresso Nacional não indicam que a temperatura tenha chegado a tal ponto. Pode chegar um dia, mas ainda não chegou. Dois vetores operam em sentidos contrários nesse caso. À oposição parlamentar pode eventualmente interessar o quanto pior melhor, mas não há indícios de que tal seja o desejo dos governadores oposicionistas.

Aliás, não se notou antes da votação sobre Renan Calheiros qualquer movimento dos principais governadores do PSDB e do DEM para colocar lenha na pilha de madeira em que se pretendia queimar o presidente do Senado. Ou seja, nem o poder federal nem os estaduais (que se confundem com a expectativa de poder para 2010) moveram-se para incinerar Renan. E ele não foi incinerado. Talvez seja o caso de relacionar uma coisa com a outra. O fato é que Renan pode estar mal avaliado pelo poder da opinião pública, mas está sustentado pelo poder de fato. E o divórcio entre a opinião pública e o poder de fato não parece ainda suficientemente litigioso para deixar o poder de fato com a pulga atrás da orelha.

Diante do processo contra ele, Renan Calheiros decidiu pela tática do aparente imobilismo. Ficou parado onde estava, na certeza de que os potenciais adversários não se entenderiam sobre os cenários de sua substituição. Pelo resultado da votação da última quarta-feira, o presidente do Senado moveu corretamente, até agora, as peças no xadrez mortal em que se decide o seu futuro. Mas, como o jogo ainda não terminou, resta aos que desejam remover Renan construir uma alternativa que seja satisfatória ao poder de fato.

É difícil, pois nem o Palácio do Planalto nem os governadores parecem estar interessados em desequilibrar e desestabilizar o jogo nesta altura do campeonato. Lula os chefes políticos estaduais querem mais é administrar, investir e ter realizações materiais para mostrar em 2010. Aliás, o que o poder de fato menos deseja é ver emergir um presidente do Senado com força e brilho próprios para dividir a mesa e desarranjar o quadro para 2010. Para sorte de Renan Calheiros.



18ª CORRIDA CRIANÇA/GUÊNIA CORREIO BRAZILIENSE